

No governo de Kubitschek, também existiam pontos negativos, entre eles o aumento da inflação e do endividamento externo. Houve ainda casos de corrupção e, acima de tudo, uma grande desilusão da massa trabalhadora, uma vez que a desigualdade social aumentou. Mesmo com a criação da Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), o governo não conseguiu reduzir as disparidades entre o Nordeste e o Sudeste do país e ocorreu um grande deslocamento populacional da área rural para a urbana.

[...] entre 1930 e 1960, em termos demográficos, o Brasil passou por dois grandes movimentos [...]. Um deles é o avanço dos processos de urbanização, dessa feita combinado ao de industrialização, que deslocou cada vez mais a população do campo para as cidades do sul, especialmente para um novo polo de atração: São Paulo. [...]

O outro movimento dá conta dos deslocamentos internos da população através do Brasil, mas tendo como destino não mais o litoral, na medida em que seus alvos passam a ser a Amazônia e o Centro-Oeste. Esses imensos deslocamentos populacionais, particularmente intensos nos anos 1940 e 1950, vão responder por um êxodo rural de 10 milhões de pessoas, numa população que chegou, nesta última década, a cerca de 50 milhões de habitantes.

GOMES, Angela de C. População e sociedade. In: _____ (Coord.). *Olhando para dentro: 1930-1964*, v. 4. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p. 58-59.

Jânio Quadros e João Goulart

10 Aprofundamento de conteúdo para o professor.

Na eleição presidencial de 1960, o PSD e o PTB lançaram a candidatura do general Henrique Teixeira Lott, dito honesto e defensor da legalidade, mas sem experiência política. O PSP apresentou Ademar de Barros, que tinha força em São Paulo, porém conseguia poucos votos no restante do país. A grande surpresa foi o candidato Jânio da Silva Quadros, nascido em Campo Grande, no atual Mato Grosso do Sul, em 1917.

©Acervo Iconographia



Jânio Quadros (UDN/Partido Democrata Cristão) venceu com certa facilidade, com 48% dos votos (Lott ficou em segundo com 33% e Ademar de Barros em terceiro, com 19%).

Na campanha de 1960, Jânio adotou a vassoura como símbolo, pois afirmava que varreria a corrupção do país.

COMITÊ eleitoral de Jânio Quadros. 1960.
1 fotografia, p&b.

O vice eleito foi João Goulart, da chapa de Lott, proeminente membro do PTB, herdeiro do trabalhismo varguista.

Até 1964, as eleições para a presidência e a vice-presidência do Brasil eram realizadas separadamente. Por isso, na época, era possível que os ocupantes desses cargos pertencessem a partidos políticos distintos e não coligados.



JOÃO Goulart em campanha eleitoral. 1960. 1 cartaz, p&b.

Ao assumir, Jânio enfrentou problemas complexos, tais como inflação, endividamento externo e grave crise política – ele não tinha maioria no Congresso Nacional.

A decepção popular logo se tornou evidente, pois Jânio se mostrou mais eficiente em fazer críticas e acusações de corrupção e incompetência de seus adversários do que em resolver os problemas. Na oposição, Jânio era um sucesso; no governo, mostrou-se um fracasso. Faltava-lhe um programa de governo definido e um plano econômico que desse conta dos problemas enfrentados pelo país naquele período.

Diante da crise, Jânio Quadros se dedicou a pequenas decisões que se tornaram lendárias: regulamentou o tamanho do maiô das misses e proibiu o uso de biquíni nas praias, as corridas de cavalo em dias úteis e as rinhas de galos.

O feito mais significativo da gestão Jânio Quadros foi a adoção de uma política externa independente, aproximando o Brasil dos países do bloco socialista, ignorando as reações estadunidenses.

A campanha contra Jânio aumentou quando ele condecorou o comunista argentino Ernesto "Che" Guevara com a Ordem do Cruzeiro do Sul, a mais alta homenagem dada a estrangeiros. Pressionado por antigos aliados, atacado pela oposição e diante da indiferença da opinião pública, num gesto arrebatador, Jânio renunciou à presidência em agosto de 1961.

A renúncia de Jânio foi uma tentativa fracassada do Presidente de angariar simpatizantes. Ele esperava que a população clamasse por sua permanência e, com isso, conseguir se sobrepôr ao Congresso, que lhe fazia oposição.



interpretando documentos

11 Sugestão de abordagem da atividade.

Leia um trecho da carta de renúncia de Jânio Quadros.

Fui vencido pela reação e, assim, deixo o governo. Nestes sete meses cumpri o meu dever. [...] Mas baldaram-se os meus esforços para conduzir esta nação pelo caminho de sua verdadeira libertação política e econômica, o único que possibilitaria progresso efetivo e a justiça social a que tem direito a seu generoso povo. Desejei um Brasil para os brasileiros, afrontado neste sonho a corrupção, a mentira e a covardia que subordinam os interesses gerais aos apetites e às ambições de grupos ou indivíduos, inclusive do exterior. Sinto-me porém esmagado. Forças terríveis levantam-se contra mim e me intrigam ou infamam até com a desculpa da colaboração. Se permanesse, não manteria a confiança e a tranquilidade ora quebradas e indispensáveis ao exercício da minha autoridade. Creio, mesmo, não manteria a própria paz pública. Encerro assim com o pensamento voltado para a nossa gente, para os estudantes e para os operários, para a grande família do país, esta página de minha vida e da vida nacional. A mim não falta a coragem de renúncia. [...]

QUADROS, Jânio. *Carta de renúncia*. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_25ago1961.htm>. Acesso em: 30 nov. 2019.

Agora, responda às questões.

1 A carta dialoga com outro documento escrito por um presidente. Qual documento seria esse?

A carta-testamento de Getúlio Vargas.

2 Por que os dois documentos são similares?

Jânio passava por uma grave crise política em seu governo e queria conquistar a simpatia popular. Por isso, escreveu sua carta de renúncia em tom similar ao da carta-testamento de Getúlio, para evocar essa figura política ainda muito carismática. Ele queria despertar sentimentos próximos aos que Getúlio evocava na população, mas foi mal sucedido.



Quando Jânio Quadros renunciou, o vice-presidente João Goulart (conhecido como Jango) estava em missão diplomática na China. Políticos conservadores, empresários, chefes militares e parte da imprensa eram contra a ascensão de Jango, por sua relação com países e pautas ligados ao comunismo. Por isso, queriam evitar que ele assumisse a presidência.

Nesse contexto, iniciou-se um amplo movimento popular em favor da posse de Jango, a Campanha pela Legalidade. O movimento se concentrou no Rio Grande do Sul, liderado pelo então governador Leonel Brizola, cunhado de Goulart.

João Goulart acabou assumindo, mas com poderes limitados, pois a aprovação de uma Emenda Constitucional estabeleceu o parlamentarismo no país. A partir de então, houve três gabinetes: o primeiro teve como primeiro-ministro Tancredo Neves; o segundo, Francisco de Paula Brochado da Rocha; e o terceiro, Hermes Lima.

Em janeiro de 1962, num plebiscito, a população disse não ao parlamentarismo, restabelecendo o sistema presidencialista e concedendo ao presidente mais poderes. João Goulart se empenhou em realizar reformas econômicas e sociais, além de melhorar as condições de vida dos operários e camponeses.

Esse conjunto de reformas recebeu o nome de Reformas de Base. Sobre esse projeto, leia o fragmento a seguir.

Por Reformas de Base entende-se a questão da reforma agrária, a reforma sindical, a reforma bancária, as reformas constitucional, político-partidária e eleitoral, a reforma tributária federal, o plano contra a inflação, o plano trienal do governo, a autossuficiência alimentar no Brasil, o programa para a produção de energia, a eletrificação ferroviária, a defesa dos preços dos produtos exportáveis, a dinamização da Zona Livre de Comércio e a reorganização da Marinha Mercante Nacional. Como se vê, trata-se de transformar a estrutura da terra, a estrutura sindical, o sistema político-constitucional, o problema financeiro-organizativo, a questão da energia, as questões dos transportes marítimo e terrestres e pôr em prática a ideia do planejamento econômico.

CARONE, Edgard. *A Quarta República (1945-1964)*. São Paulo: Difel, 1980, p. 206. **12** Sugestão de abordagem do conteúdo.

No exterior, sua política independente decepçionava os Estados Unidos. Ao limitar a remessa de lucros das empresas estrangeiras estabelecidas no Brasil, Goulart se indispôs com as multinacionais.

O Presidente estava numa situação difícil, pois sofria oposição de amplos setores das Forças Armadas, que temiam uma revolução socialista; de significativos setores da Igreja Católica; de empresários, profissionais liberais e grande parte da classe média, que participaram da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, condenando o governo Goulart; de latifundiários, que temiam a reforma agrária; e de pessoas ligadas ao capital estrangeiro.

A Guerra Fria estava no apogeu e a política externa independente de João Goulart não agradava à potência capitalista estadunidense, que, por isso, deu apoio aos adversários do Presidente.

Em meio à grave crise política, iniciou-se, em Minas Gerais, no dia 31 de março de 1964, o Golpe Militar que depôs João Goulart. Não houve resistência e Jango refugiou-se no Uruguai.

As questões indígena e negra durante o Populismo

Durante o Populismo, a política brasileira em relação aos indígenas se manteve voltada à pacificação e à assimilação desses grupos. A ideia era incorporá-los à sociedade e colocá-los a serviço da ocupação do território nacional e da defesa das nossas fronteiras.

Nessa época, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e os irmãos Villas Bôas (Orlando, Cláudio e Leonardo) tiveram importante atuação. Participando do projeto do governo de exploração do Oeste, eles atuaram a favor dos grupos indígenas do interior do Brasil, ajudando a criar o Parque Nacional Indígena do Xingu.

O SPI afirma o sentimento de pertinência do índio à nação brasileira, como sua parte integrante e sofredora. Lutou para demarcar terras indígenas, motivado pela atitude de reconhecimento de direitos indígenas e de solidariedade às suas culturas. Avançou e evoluiu na sua concepção do índio e na sua prática indigenista. Criou o conceito de parque indígena [...]. Concretamente, demarcou cerca de um terço das áreas indígenas até então conhecidas, totalizando 40% do território indígena reconhecido até aquele momento. Implantou [...] o Parque Nacional do Xingu, criado em 1961 por decreto presidencial – marco maior desse tempo de indigenismo e cuja conceituação iria servir de modelo para a demarcação das novas terras que iam sendo reconhecidas à medida que novos povos indígenas iam sendo contatados.

VILLAS BÔAS FILHO, Orlando. *Orlando Villas Bôas e a construção do indigenismo no Brasil*. São Paulo: Mackenzie, 2014. p. 137.

©Acervo Iconographia



JANGO em discurso ao lado da esposa Maria Teresa na Central do Brasil. 1964. 1 fotografia, p&b.

Nesse discurso, Goulart pregou a necessidade de reformar o capitalismo brasileiro para torná-lo mais justo. Seus adversários, entretanto, utilizavam as Reformas de Base para chamá-lo de comunista.